

GT “Diferenças e desigualdades na mídia: um olhar antropológico”
Coordenação de Nara Magalhães e Isabel Travancas

TERRITÓRIOS E FORMAS DE APROPRIAÇÃO DO OUTRO: OS WAYANA E OS DOGON NA CIBERCULTURA¹

Paula Morgado Dias Lopes*
Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA)
Depto. de Antropologia/USP

Resumo

Entre 2003-2007, realizei, com Denise Dias Barros, um estudo sobre as interpretações difundidas sobre os Dogon e os Wayana em páginas francesas na Internet (identificadas em 04/2005 e atualizadas em 04/2006). Nele analisamos a produção sobre esses dois grupos buscando apreender o olhar francês e a participação - ou ausência - destes na cibercultura. Verificamos que as páginas na WEB revelam, por um lado, as necessidades e interesses de quem as realiza e, por outro, evidenciam relações de poder em grande assimetria que, contudo, apresentam sinais de pequenas e fugazes mudanças. Na maioria dos casos, observamos que as páginas são realizadas por europeus dialogando com seus interlocutores, aliás seus pares (acadêmicos, artistas, intelectuais, estudantes, professores, profissionais) ou consumidores de mesma origem. Não se pode dizer em nossos dias que a WEB realize a utopia da democratização das relações (ela não é polifônica), ainda que seja composta de uma grande multiplicidade. Ela continua expressando relações verticalizadas e o interesse (cultural, econômico e existencial) que estas sociedades continuam a despertar. Todavia há alguns anos a tecnologia audiovisual tem se tornado um instrumento de militância utilizado pelas populações autóctones e pelos grupos sociais minoritários. Por meio do CD-ROM “Os Dogon e os Wayana na WEB : territórios e formas de apropriação do Outro”, finalizado em dezembro de 2007, pretendo mostrar os resultados deste estudo que apontam para uma reprodução pleonástica de imagens sobre os sujeitos representados, alimentando criações de identidades de um Ocidente que delas se nutre para dar expressão a conteúdos projetados ou para criar novos objetos de desejo e consumo.

Palavras-chave: Imaginário, mídia, representação cultural, WEB, Dogon, Wayana.

De modo particular, os Dogon e os Wayana têm sido largamente representados tanto na televisão como na rede, constituindo situações singulares e paradigmáticas que nos convidam a revisitar as discussões sobre as formas da apropriação da imagem e a questionar sobre seus conteúdos e processos atuais. As informações etnográficas, fotográficas e fílmicas que nos últimos anos foram retomadas por nós, escolhidas e reinterpretadas para serem disponibilizadas na rede foram reunidas na forma de um CD-ROM, objeto de discussão neste paper.

Entre 2003-2007, realizei, com Denise Dias Barros, um estudo sobre as interpretações difundidas sobre os Dogon e os Wayana em páginas francesas na Internet (identificadas em 04/2005

¹ Esta comunicação integra uma parte dos resultados do projeto de pesquisa intitulado “A mídia eletrônica e televisiva entre os Dogon e os Wayana: subsídios para uma crítica cultural” em co-autoria com Denise Dias Barros, dentro do Projeto Temático financiado pela FAPESP “Alteridade, expressões culturais do mundo sensível e construção da Realidade”, coordenado por Sylvia Caiuby Novaes (2003-2007).

* www.morgadodl.com.br; www.lisa.usp.br

e atualizadas em 04/2006). Analisamos neste estudo algumas das implicações do imaginário francês contemporâneo que atravessa a cibercultura sobre os Dogon (República do Mali) e os Wayana (Guiana Francesa). Para realizar a análise que nos propusemos sobre os dois grupos, foi necessário conhecer previamente seus dois sistemas de pensamento para, então, avaliar os imaginários que circulam sobre eles e os desafios que se colocam para ambos na cibercultura e nos demais espaços midiáticos (cinema e televisão), numa incessante luta desigual de construção de alteridades.

Os Wayana, que somam cerca de 1600 pessoas, ocupam uma região de tríplice fronteira (Brasil, Suriname e Guiana Francesa) e, em território francês, estão distribuídos em pequenas aldeias no sul deste Departamento francês (no alto Rio Maroni²). Os Dogon – situados principalmente na região oeste da República do Mali - viveram sob o domínio colonial francês entre 1903 e 1960, ano da independência da República do Mali. As representações das duas sociedades multiplicaram-se com as novas tecnologias e o presente estudo pretende ser uma contribuição para o entendimento das atuais interfaces destes grupos com as sociedades ocidentais e, notadamente com a francesa.

A WEB como campo de pesquisa etnográfica

A partir de 1975, aquilo que passamos a denominar de novas tecnologias de *comunicação e informação emerge* segundo Lemos (2002:73)

“.... com a fusão de telecomunicações analógicas com a informática, possibilitando a veiculação, sob um mesmo suporte (o computador) de diversas formatações de mensagens. Essa revolução digital implica, progressivamente a passagem do massmedia (TV, rádio, imprensa, cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação. Aqui a circulação de informações não obedece a hierarquia da árvore (um-todos) e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos).

A WEB como campo da pesquisa etnográfica evidencia a necessidade de reflexão em duplo regime: como campo e linguagem novos e como permanência e de sobrevivência do antigo. Na cibercultura as “localidades” e as “globalidades” são redefinidas e exigem negociações entre as construções do imaginário e o mundo desterritorializado, desvelando continuamente o impacto de um sobre o outro. O que seria então a etnografia num mundo de território, linguagens e espaços virtuais? Sem desejar encontrar respostas fechadas, pretendemos contribuir com o debate ao explorar as formas pelas quais as sociedades e os trabalhos estão também “migrando” para a WEB, para a virtualidade.

Há que se distinguir a aceleração dos meios de informação de sua democratização. A globalização – que seria, nas palavras de Garcia dos Santos, “a consagração máxima do capitalismo”

² A Guiana Francesa foi colônia de 1643 até 1946 quando, então, tornou-se um Departamento francês além mar (DOM-Département Outre-Mer).

(2003:125) torna ilusória a universalização do *american way of life*, confirmando que se trata de um modelo que se exporta, mas não se sustenta. Em outras palavras, ao lado da circulação em massa de informações de toda a natureza, a precariedade material continua a ser realidade cotidiana de um grande número de pessoas em todo o mundo, o que dizer das dificuldades de acesso aos bens culturais da humanidade?

Para que de fato os consumidores das *Tecnologias da Informação e Comunicação* (TIC) possam controlar – ainda que parcialmente – as mensagens (em um mundo no qual suas identidades vêm sendo controladas pelas redes³), é preciso que se conheça tanto a forma de coleta como de tratamento das informações.

No ciberespaço existe um desafio novo sendo produzido pela massa de informações sem adequado tratamento que facilita a expansão de um campo de despolitização e de alienação paradoxal. Uma das conseqüências mais nefastas deste processo é a despolitização do saber. Ao se caminhar para a erosão dos referenciais (no ciberespaço), tem-se a ilusão de que tudo é possível. De um lado, acredita-se que a velocidade e acesso irrestrito aos dados é uma garantia da sua autenticidade e, de outro, se esquece que por trás dos mundos virtuais se reafirma um mundo ancorado numa lógica de mercado. Disso resulta que como em qualquer outro meio de comunicação de massa, na *WEB* ocorrem fervorosas competições.

Se o apelo ao acesso indiscriminado às informações na rede acaba tornando opaca a presença de interesses econômicos e políticos, paralelamente desenvolvem-se movimentos que procuram opor-se e/ou questionar tais jogos de poder entre grandes grupos comerciais. Tais movimentos integram a chamada “mídia radical” ou luta de esferas de ação comunicativa (no ciberespaço) que visam à transformação social no sentido de se construir e viabilizar, por parte da sociedade civil, a sua democratização. Outra iniciativa que tem ganhado grande adesão – considerada por alguns uma “contracultura do ciberespaço” – é a luta pelo desenvolvimento de *software* livre, surgido em meados dos anos 80: o sistema GNU lançado em 1984 e o sistema operacional Linux lançado em 1991 (www.gnu.org/home.pt) com importante participação brasileira⁴.

Em seu livro *Mídia Radical, rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*, John Downing (2002) escreve que a cultura popular (termo cunhado pela Sociologia) é a matriz genérica da mídia radical. Ela se entrelaça com a cultura de massa comercializada e com as culturas de oposição (Garcia dos Santos, 2003:41). O que a caracteriza é “a participação de pessoas na criação de formas interativas de comunicação que atuam como força de compensação para o fluxo unilateral

³ Trata-se dos dados pessoais que os provedores detêm de seus usuários e as informações sobre as atividades de cada indivíduo que circulam no ciberespaço, tornando público o acesso a tais identidades. Sobre a ameaça do fim da privacidade neste meio de comunicação, vide Castells, 2003:143-145.

⁴ Sobre o ‘movimento do software livre’ (*free software movement*), idealizado por Richard Stallman e sobre o sistema GNU e leituras afins vide: http://en.wikipedia.org/wiki/Richard_Stallman

que é próprio da mídia comercial” (Ford & Gil, 2002:275). Em geral, a mídia radical é aquela de pequena escala que sob muitas formas diferentes expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas. No entanto, não se pode deixar de mencionar que ela pode ser representada por forças construtivas ou negativas (fascistas, racistas e fundamentalistas).

O desenvolvimento de tecnologias de informação floresce rapidamente entre muitos grupos autóctones da Austrália, Canadá e começa a se iniciar entre alguns grupos indígenas brasileiros⁵. Entretanto, entre os Wayana, os Dogon e uma enorme parcela de grupos minoritários, este processo caminha de forma muito marginal, como deixam transparecer as páginas na *WEB* que passamos a apresentar.

Motores de busca e a pesquisa na rede mundial de computadores – WEB

A partir dos anos 1990, a rede mediada por computadores constituiu-se em arcabouço fundamental de comunicação global, inspirando tanto prognósticos positivos quanto negativos dessa nova forma de sociabilidade - a chamada cibercultura. Por meio de avanços velozes no campo da tecnologia digital, passou a ser possível a compactação de mensagens de todo tipo (imagem, texto, som) enviados cada vez em maior número e em menos tempo. Essa situação, na qual as tecnologias são os vetores de novas formas sociais, criou, em grande escala, a ilusão de que através da técnica é possível fugir ao controle social e ao isolamento, dois elementos perturbadores da relação técnica – vida social. Será a atitude dispersa, efêmera e hedonista que irá marcar de modo constitutivo esse novo espaço social?

Entretanto, se a dinâmica social do ciberespaço, fundada sobre o desejo de conexão de forma planetária, rompe, de fato, com uma estrutura hierárquica no campo da circulação das informações, não o faz com relação ao seu acesso e, portanto, a sua produção. Quais motores de busca dominam a *WEB*? Como é feita em cada um deles a seleção das páginas? Que estruturas estão por detrás das formas de grupos virtuais (militantes eletrônicos – *hackers*, *crakers*, *cypherpunks* -, tribos de *cyberpuks*, comunidades virtuais das redes informáticas – *muds*, *chats*, fóruns, BBSs, *sites*, *newsgroups* – festas tecnoeletrônicas), que povoam este novo espaço? Mesmo que tais grupos não se diferenciem pelo pertencimento simbólico, mas se criem em torno de interesses comuns,

⁵ No artigo de Jéssica Healy (2004), “Do trabalho de campo ao arquivo digital: performance, interação e terra de Arnhem, Austrália” consta uma interessante bibliografia. Sobre o tema, ver também o site <http://www.galiwinku.nt.gov.au/home/home>. No Brasil, existem experiências em curso de sites assinados por associações indígenas ou Ongs que apóiam a causa indígena. Alguns deles podem ser conhecidos no site do Instituto Socioambiental: http://www.socioambiental.org/pib/portugues/fontes/outros_sites.shtm. Destacaria o portal Indiosonline (<http://www.indiosonline.org.br>), experiência pioneira de índios do Nordeste gerenciando suas imagens e discursos veiculados na WEB.

independentes de fronteiras ou territórios definidos, e assistamos a desintegração de indivíduos e a criação contínua de identidades, o espaço do ciberespaço não está desligado da realidade *off-line*.

Essa passagem de computadores pessoais para computadores de conexão exprime um desejo de ubiquidade que caracteriza a modernidade contemporânea, encontrando no movimento *cyberpunk* a sua representação máxima. Fundado no anti-autoritarismo, este movimento reúne pessoas afeccionadas pelas novas tecnologias, mas combatentes da tecnocracia (sem *slogans*, sem ideologias e sem emblemas históricos), desprezando o futuro na busca do prazer pelo tempo real. Essa lógica de presentificação esfumaça a participação da Internet nos jogos de interesse comercial e impede que se tenha uma leitura crítica do que está sendo veiculado. Como bem coloca Sfez (1992:7), vivemos o ápice da cultura faustiana na qual a comunicação dá-se pelo “tautismo” (taulogia + autismo) Na mesma direção, encontram-se os trabalhos críticos de Baudrillard ao discutir de forma ácida as relações que se dão no ciberespaço. Para este autor, quanto mais trocamos informação, menos estamos em comunicação, pois trocamos o real pelo hiper-real, a comunicação pela simulação (Baudrillard, 1981, 1988, 1997).

Tendo em mente este cenário, de busca pela democratização ou partilha de saberes e de efervescência da sociedade do espetáculo, é que analisamos as representações sobre os Dogon e os Wayana. Que tipo de “saberes” sobre eles está sendo difundido? Quem são os produtores? Para quem estão servindo as representações Dogon e Wayana?

O ciberespaço pode servir muito bem à multiplicação de identidades sem voz ativa (representadas por outros). Em outras palavras, identidades periféricas alimentam identidades centrais contrariando a lógica rizomática da circulação dos dados, pois as idéias sobre elas obedecem uma lógica subliminar hierárquica, dentro de um quadro histórico e político definido. O caso das representações dos Dogon e Wayana na cibercultura parece reproduzir tal jogo desigual de traduções de alteridades.

Nos bastidores da rede existem redes científicas de produção de tecnologias, estratégias militares e uma contracultura que vem crescendo em paralelo. Atualmente existem milhares de micro redes cobrindo todo tipo de campo: política, economia, religião, ciência, etc. Como bem coloca Castells “a internet não é um instrumento de liberdade, nem tão pouco uma arma de dominação unilateral (2003:135) (...), mas um terreno de disputa (ibid, p.114)”.

Os motores de busca são máquinas potentes que viabilizam reunir informações disponíveis sobre temas específicos, permitindo que a rede se constitua em importante fonte de informação sobre o imaginário de grupos sociais específicos e das sociedades. Entretanto, são máquinas projetadas como se fossem anônimas, ocultando seus interesses e imbricamentos na dinâmica do poder e do domínio (também de representações) em grande escala: as tendências e preferências que

não escapam a uma análise mais cuidadosa sobre inúmeros aspectos como a preponderância da língua inglesa, o controle predominante de empresas norte americanas, a disponibilização do acesso de forma desigual, a definição de caminhos preferenciais nos mecanismos de busca. A análise desse fenômeno é particularmente importante quando discutimos o tipo de informação que está sendo privilegiado nas páginas da rede sobre os Wayana e os Dogon, quem são seus realizadores e para quem estão sendo destinadas. Todavia, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) exigem esforços para que se conheçam suas metodologias de coleta, de tratamento e de armazenamento das informações.

Ressaltamos que os motores de busca possuem preferências de diversos tipos e a França não é dominante nesse setor. Há diferenças relevantes do volume de informação segundo o idioma utilizado entre os motores. A título de exemplo: a base francesa do Altavista é composta por 30 milhões de páginas de língua francesa e o *dir.com* (de língua francesa, criado por Fabien Menemenlis e Phillippe Develter e lançado pela sociedade LLIAD em 2003) indexa cerca de 100 milhões. Os indicadores devem ser ainda melhor analisados para efeito desse estudo. Segundo a Internet Security (apud Lima, 2002), em julho de 2000 cerca de 80% das páginas na rede eram em inglês.

Embora sendo potentes como ferramentas de pesquisa, a diferenciação das características dos motores de busca obriga o pesquisador a avaliar cada tipo de indexação, exigindo o conhecimento das suas áreas de abrangência para permitir um levantamento de dados mais preciso em menor tempo. Atualmente existem programas que agrupam diferentes motores, facilitando o trabalho de levantamento na rede de domínios, sites e páginas ou ambientes.

Para a realização do estudo que propomos, tornou-se fundamental que os motores de busca fossem os mais pertinentes entre aqueles que indexam páginas francesas e em língua francesa, uma vez que nosso intuito é discutir a representação sobre duas sociedades que fazem parte da área de expressão francesa. Além disso, tanto a Guiana Francesa quanto a República do Mali, países nos quais estão localizadas as sociedades Wayana e Dogon respectivamente, produzem páginas preferencialmente em francês. Nossa hipótese é que a auto-representação dessas sociedades é pequena se existente, evidenciando as desigualdades de acesso e de possibilidades.

Optamos por fazer o levantamento de páginas na rede utilizando o programa *Copernic Agent Professional*. Trata-se de um programa que reúne mais de 1000 motores de busca presentes na rede mundial, agrupados em 120 categorias, e que podem ser escolhidas para definir os motores mais apropriados. Cada motor pode ser programado para registrar até 700 resultados. Vale salientar que o programa é capaz de conectar-se com a chamada rede invisível (não aparece nos resultados de busca, encontrando-se em índices de bibliotecas, informações acadêmicas e na INFOMINE –

Scholarly Internet Ressource Collections) que, segundo especialistas, é cerca de dez vezes maior que a rede visível (www.infomine.ucr.edu). Modulamos o programa para nossas finalidades. Isso implicou dois tipos de busca: uma abrangente em toda a rede e outra específica de páginas na rede produzidas pelos franceses e em língua francesa sobre os Dogon e os Wayana.

Os Dogon e os Wayana no mundo digital

No campo do acesso à informação, a emergência da internet foi muitas vezes considerada como instrumento contra o desequilíbrio das relações Norte-Sul. Teria a história de várias décadas de construção de representações por parte de administradores coloniais, antropólogos e viajantes (com incontáveis artigos, matérias jornalísticas, livros, fotos e filmes) sido superada por formas mais simétricas ou plurais? O problema sobre a assimetria de poder e de perspectiva de quem detém os instrumentos para revelar publicamente sua interpretação – que permeia toda a produção antropológica – ressurgiu com a emergência de novas mídias.

A população Dogon que em 1988, contava com cerca de 675 mil pessoas⁶, representa cerca de 95% dos habitantes da região que ficou conhecida como *país Dogon*. Grupos numericamente menores, como os fulas, dividem o mesmo espaço geográfico. A energia elétrica e o telefone são bens praticamente inacessíveis na região. Em Bandiagara, o maior núcleo urbano com cerca de 11 mil habitantes, (situado na região do planalto), existe um gerador que oferece energia para uma parte da população. O telefone é instável e conseguir uma linha é tarefa que exige paciência. Mesmo assim, em 2002, foi instalado o primeiro *cyber-café* e rapidamente um número crescente de jovens, geralmente guias turísticos ou pessoas ligadas a projetos de desenvolvimento de uma das diversas ONGs que atuam no local, iniciaram sua incursão pela rede, principalmente para enviar correspondências para o exterior. O empreendimento privado de iniciativa de um jovem não pôde sustentar-se economicamente e fechou suas portas cerca de um ano depois. Com apoio norte-americano, entretanto, foi instalada na administração local da Prefeitura de Bandiagara uma sala com cinco computadores com acesso via satélite.

Já as maiores aldeias Wayana (que abrigam em média de 200 moradores), somando uma população que não ultrapassa 850 pessoas, usufruem uma rede elétrica à base de gerador ou de painéis solares. As TVs com vídeos já fazem parte dos mobiliários das famílias mais abastadas que em meados de 2002 começaram a assinar TV satélite. Entretanto, o meio de comunicação com os núcleos urbanos ainda não se faz através das recentes cabines telefônicas instaladas nas aldeias mais populosas em fins de 2002. Tais ligações via satélites têm ainda um custo exorbitante e apenas os funcionários franceses as utilizam. Todavia, os jovens que partem para completar os estudos nas

⁶ Último censo realizado no Mali, em 1987, pela *Direction Nationale de la Statistique et de l'Informatique*.

idades do litoral já conhecem o computador, assim como nas aldeias mais populosas um pequeno grupo, escolarizado, tem acesso a eles, mas poucos se interessam ou conhecem o funcionamento da Internet. Recentemente, também via satélite, a comunicação pela internet passou a ser possível na aldeia mais bem equipada (*Antecume pata*), por enquanto servindo os funcionários do posto de saúde e aos professores. Enquanto isso, assiste-se à crescente difusão, não apenas na França, mas em muitos países da Europa, das representações sobre os Wayana e os Dogon por meio da cultura digital do ocidente, sem falar na eletrônica, através de emissões de TV⁷.

Mediante o alargamento em grande escala da comunicação digital algumas questões se impõem: como está ocorrendo o acesso aos conhecimentos na rede? Como isso ocorre nos caso dos Dogon e dos Wayana? Que tipo de linguagem vem ganhando espaço e que tipo de conhecimento desses Outros vem sendo construído? A investigação da arquitetura da rede mundial nos ajuda a responder tais perguntas e a discutir quais caminhos devem ser trilhados por investigações dessa natureza, em especial a antropologia, para o entendimento da sociedade digital.

Levantamento de páginas na rede sobre os Dogon e os Wayana

Em abril de 2005, utilizamos 293 motores de busca do programa *Copernic* com 700 resultados para cada um deles (selecionados entre os disponíveis excetuando os comerciais, de sexo e de humor). Encontramos na rede mundial 5.457 páginas válidas, ou seja, excluindo as repetições e os *links* ignorados contendo a palavra Dogon, de um universo de 7.870, sem os filtros realizados pelo programa. Quanto aos Wayana encontramos 1.347 páginas válidas entre as 3.063 existentes. Obtemos com relação aos Wayana a seguinte configuração: 258 páginas em francês, 1 em francês e inglês, 363 em inglês, 94 em alemão, 29 em espanhol, 2 inglês-alemão e 1 em espanhol-inglês. Existiam ainda 252 páginas em línguas não identificadas pelo programa. Com relação aos Dogon, foram encontradas: 1344 páginas em francês, 9 em francês e inglês, 2 em francês e espanhol, 2 em francês e alemão, 2692 em inglês, 154 em alemão, 37 em espanhol, além de outras 1218 em línguas não identificadas pelo programa.

Dado o grande número de domínios e páginas identificado, definimos quatro fases de análise, as duas primeiras quantitativas e as últimas qualitativas. O programa *Copernic* foi utilizado no primeiro levantamento de páginas sobre os Dogon (5.457) e Wayana (1.347) à partir do qual realizamos uma ordenação por domínio e, então, selecionamos um única página por domínio. Desta forma, obtivemos 2.217 páginas sobre os Dogon e 1.000 páginas sobre os Wayana. Todas as páginas

⁷ Com relação aos Wayana, vide capítulo 4 da tese de doutorado de Morgado, *Os Wayana e os Viajantes: construindo imagens em mão dupla* (FFLCH, Universidade de São Paulo, 2003); sobre os Dogon vide de Barros, "Dogon, uma sociedade entre etnografia e cinema" In *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 15, 2002: 67-89.

foram visitadas, sendo selecionadas para compor o banco de sites as 647 Dogon e 259 Wayana de língua francesa.

Iniciamos a classificação de cada página em dois grupos. O primeiro corresponde às seguintes categorias de páginas: Pessoas, Associações e Organizações não-Governamentais, Organizações Internacionais e Governamentais, Comércio, Academia – acadêmicos, Museus, Publicações, Comunicação. O segundo grupo é constituído por temas relativos a: Política, Rituais, Sociedade e desenvolvimento, Cinema, TV, Rádio, Cultura – espetáculo, Arte – Objetos, Religião, Astrologia – cosmogonia, estrela Sirius - Livros, Artigos de revista, Meio ambiente.

Considerações sobre os conteúdos das páginas

Os territórios de identidades criadas no ciberespaço sobre Wayana e Dogon exigem problematizar tanto sua *alter* como sua *auto*-representação e as implicações mútuas. Buscamos compreender quais sentidos estão sendo gerados no mundo virtual, quais são seus principais agentes (produtores de representações disponibilizadas na rede), se existem conteúdos novos ou formas novas (signos preferenciais) de acomodação de estereótipos presentes nas demais mídias citadas: literatura, televisão e cinema.

O interesse sobre sociedades singulares de todo o planeta viu-se realimentado pelo crescimento nas últimas décadas do chamado turismo cultural e de aventura e por uma significativa produção de documentários televisivos. Esse sucesso parece conhecer um novo impulso com a expansão da rede mundial de computadores, já que essa forma de comunicação permite que cada vez mais pessoas acessem informações sobre culturas distantes. Acrescente-se ainda que os fluxos de imagens, em grande escala, produzem uma nova ordem de subjetividades e novas exigências para a compreensão dos sistemas locais. Cabe discutir essas vidas imaginadas e compreender quais os símbolos que estão sendo negociados. Todo grupo cultural focaliza e globaliza ao mesmo tempo, ou seja, transforma-se diante tanto de pressões endógenas como exógenas, elaborando problemáticas que podem ser trans-locais, no entanto, o lugar periférico no acesso e na produção dessa linguagem define um fluxo desigual de informação e assimetria na produção de identidades móveis *on-line* e *off-line*.

Assistimos à constituição de novas dinâmicas de representação do outro, carregando consigo antigos conceitos e dando lugar a novos hibridismos e conteúdos e, ao mesmo tempo, a novas e múltiplas maneiras locais de se dar a ver. Trata-se, portanto, de um campo que exige da antropologia re-visitar conceitos como identidade, alteridade, tradução. Quais são as formas de exotismo atuais? Para quem se produzem os discursos sobre esta alteridade africana ou indígena? Com que tipo de imagem se tem construído os clichês sobre tais sociedades? Finalmente: de que maneira os

etnólogos têm criado e participado deste processo? As respostas permanecem imprecisas, abertas e plenas de conflitos.

Na década de 1960, muitos críticos da comunicação de massa á diziam que começava a se operar uma diferença nos conteúdos transmitidos através da tecnologia eletrônica. O que pertence ao campo individual e aos juízos privados passava a sofrer enormes transformações fazendo com que a liberdade individual cedesse lugar a um desejo de pertencimento coletivo (MacLuhan, 2005:93). Décadas mais tarde isso seria reafirmado por outros analistas (Maffesoli, 1998; Rheingold, 1996; Lemos, 2002). Concomitantemente, a circulação de mensagens pelos veículos da *mass media* e a descrença nos sistemas políticos passaram a andar mais juntas. Com isso, passamos a nos a deparar com um espaço de exposições de idéias desprovidas de seu referencial político. Na cibercultura nunca foi tão fácil criar espaços de circulação para idéias anônimas no qual se dá a equivalência de posições, ou seja: idéias que resultam de programas científicos, de projetos de militância, de venda de produtos, que promovam a crítica, de um lado, ou visem o lucro, de outro, ocupando o mesmo lugar. Como conseqüência, ao consultar a *WEB* fica difícil discernir os diferentes níveis de construção de idéias. Em poucas palavras, o ciberespaço se apresenta como uma espécie de enciclopédia a céu aberto sem *index*, onde a possibilidade de se perder é constante.

O primeiro passo na análise dos conteúdos das páginas foi identificar como e qual posição é ocupada pelas duas sociedades com as quais trabalhamos. A resposta que podemos construir, acerca de cada uma das sociedades aqui enfocadas, para essa pergunta encontra muitas semelhanças, mas apresenta particularidades como veremos. Primeiramente, para ambos os grupos, há predominância quase absoluta da produção de páginas sobre essas sociedades realizadas por pessoas e organizações não Wayana e não Dogon. Em segundo lugar, parece-nos que uma reprodução pleonástica de imagens sobre eles alimenta criações de identidades de um Ocidente que delas se nutre para dar expressão a conteúdos projetados ou para criar novos objetos de desejo e consumo.

Os Wayana ocupam continuamente a periferia da cibercultura, no sentido de que não existe um só *site* dedicado a eles e, quando aparecem, encontram-se sempre em uma situação de “pé de página”, citados dentro de uma massa homogênea com outros grupos indígenas. As imagens sobre eles oscilam entre duas formulações, uma positiva e outra negativa. A positividade se refere à imagem idílica do lugar em que vivem, de algo perdido que se busca preservar ou de algo que não se conhece e se deseja alcançar: a de uma natureza em perfeita harmonia; e a negatividade refere-se a essa natureza corrompida, cheia de conflitos promovidos por abusos contra o meio ambiente. Em ambos “cenários” trata-se de conservar a natureza que é protagonista das histórias nas quais os Wayana são majoritariamente figurantes. Cabe lembrar que os Wayana ocupam uma pequeníssima parte da Amazônia, no sul da Guiana Francesa, rica, porém, em minério (sobretudo aurífero) e,

integrando a Amazônia, uma região estratégica do ponto de vista das relações econômicas no mercado mundial, além de ser um laboratório vivo para as pesquisas no campo da botânica, zoologia, medicina, enfim das ciências biomédicas. Nesse sentido, de antigo “inferno Verde” (ocupado pelos *bagnes*) a Guiana Francesa adquire um novo status de “pulmão verde”, buscando se igualar ao “paraíso tropical” ocupado pelo restante do espaço amazônico.

No entanto, quando percorremos as páginas consultadas nessa pesquisa, fica evidente o desastre causado no meio ambiente pelo mercúrio usado de forma indiscriminada na exploração ilegal de ouro em quase todo interior e no sul da Guiana Francesa. Essa atividade tem posto em risco as populações desde meados da década de 90 e não faltam denúncias de tal situação, na sua grande maioria publicadas em artigos de jornais alternativos difundidas por associações que lutam em defesa de direitos humanos⁸.

Se essa situação é tornada pública por tais entidades, pouco se debate sobre seus efeitos sociais na vida dos Wayana e dos povos indígenas, cuja riqueza cultural continua sendo pouco conhecida. Esta última é veiculada, prioritariamente, em sites de instituições acadêmicas. Cabe ressaltar que a participação de etnólogos em fóruns culturais é pouco expressiva. Nos *sites* científicos, onde existem textos disponibilizados integralmente, o interesse sobre os Wayana recai de um lado, nos campos lingüístico, educacional e de ensino e, de outro, em aspectos da zoologia, da botânica e da saúde. Fora do círculo de pesquisadores, os Wayana estão presentes em *sites* de órgãos oficiais do governo que exaltam o aspecto da pluralidade lingüística e cultural da Guiana, sem discutir formas de defesa de tal patrimônio. Ainda neste âmbito encontramos *sites* pessoais e de associações ligados a interesses zoológicos, botânicos e, particularmente, sobre a floresta amazônica que se servem dos conhecimentos indígenas, embora alguns não consigam escapar de uma grande carga etnocêntrica (<http://www.junglexplorer.net/peuples.htm>).

Há em muitas páginas frases sobre os Wayana escritas por eles (<http://perso.wanadoo.fr/marcel.fray/>; <http://www.equipyrene.com/dun/liens03.htm>) ou pensamentos que os incluem (<http://monsie.wanadoo.fr/nouveauxdelits/page2.html>), servindo como bandeira política por um mundo mais justo e plural no qual a defesa do patrimônio natural é de longe o mais importante a ser preservado.

De forma resumida, podemos dizer que temos, de um lado, a imagem idílica e romantizada na escrita ou nas imagens selecionadas sobre os Wayana através de objetos mais comercializados

⁸ Exemplos de jornais alternativos: <http://www.espaces-latinos.org/historico/186/thema.htm>; <http://endehors.org/news/2064.shtml>; http://www.coica.org/fr/aia_livre/II_2_3_3_pays.html; de associações e ONGs: <http://tierra.incognita.free.fr/souvenirs.html>; http://www.prison.eu.org/article.php3?id_article=297; <http://ase.ouvaton.org/expomercuwayanas.htm>; http://www.csia-nitassinan.org/lettre22_guyane.htm; <http://perso.wanadoo.fr/solidariteguyane/index.htm>; http://www.monde-solidaire.org/spip/article.php3?id_article=862; http://www.indesens.org/article.php?id_article=50;

(discos e livros infantis); objetos expostos em coleções museológicas; catálogos de editoras; associações diversas, como de amadores de flautas; guias de turismo ou anuários da Guiana ou associações em defesa pelos direitos dos autóctones⁹.

Paradoxalmente, a idealização das imagens contrasta com a de um povo que sofre a ameaça de ser dizimado, tanto física como culturalmente, em virtude da alarmante situação ecológica difundida em páginas de *sites* de associações que militam a favor do meio ambiente e da diversidade cultural. Assim, *inferno verde*, como marca de uma natureza e vida cultural ameaçada, e *pulmão verde*, de uma Amazônia guianesa que defende o equilíbrio natural e os direitos humanos, são duas imagens que competem constantemente no ciberespaço em mundos divididos por muros. O que se observa é que a idéia da *WEB* como teia de comunicação que se imbrica como previam os seus constructos e muitos dos autores que dela se servem não se realizou plenamente. A *WEB* é feita, também, de comunicação caótica na qual persistem dificuldades tanto em perceber a hierarquia de sua arquitetura como a qualidade e origem das fontes das informações ali publicadas. Como pode o usuário responder à questão: quais são as fontes mais ou menos confiáveis?

Diversamente, os Dogon estão fortemente presentes na rede seja em páginas dedicadas a eles ou aos povos africanos, seja em páginas comerciais de vendas de viagens, objetos, livros seja em páginas ligada à academia ou a associações e organizações não-governamentais.

É importante retomar a história das relações entre Europa e África para contextualizar a expressiva veiculação sobre os Dogon no ciberespaço. Esta história repousa sobre um conjunto de processos imbricados que uniram o forte senso estético Dogon, a profusão de rituais e a sugestiva paisagem da região à produção antropológica que alimentaria a curiosidade da França diante do exótico e o interesse de artistas e colecionadores pela arte africana. Tal fenômeno insere-se na dinâmica iniciada no século XV com as grandes viagens através da exploração progressiva das regiões costeiras africanas.

⁹ **objetos mais comercializados** (discos e livros infantis):

http://www.budamusique.com/product_info.php?manufacturers_id=257&products_id=258<http://lemotalire.free.fr/livres/seuljungle.html>;

objetos expostos em coleções museológicas: http://www.quaibranly.fr/article.php3?id_article=3321&R=2;

catálogos de editoras: http://www.fremeaux.com/pages/catalogue/fiches/pg_Sons-de-la-Nature-256.htm;

associações diversas, como de amadores de flautas: http://flutesforum.free.fr/index_fichiers/Page441.htm ou de arcos <http://gery.bonjean.com/arcs/arcs5.htm>;

guias de turismo ou anuários da Guiana:

<http://jal-voyages.com/manuel/fr/doc11.doc>;

<http://www.guyane-guide.com/pages/amerindiens.htm>;

<http://photos.guyaneguide.com/photos.php?idalbum=32&NItem=20&TItem=Amérindiens,%20photos%20ancienne>;

associações em defesa pelos direitos dos autóctones:

<http://terresacree.org/foreviég.htm>;

<http://www.solidarite-guyane.org/Assos.htm>; http://www.grainvert.com/article.php3?id_article=316

A hipótese de isolamento atribuído à população das montanhas - então chamados de Habés¹⁰ -, refratária a islamização, iria intensificar o efeito e o fascínio que esta tem exercido desde a década de 1930 sobre os viajantes do século XX, administradores e, posteriormente, sobre os pesquisadores, a mídia, os turistas e os aventureiros de nossos dias. Cabe lembrar que a importância do exotismo na França assume formas diversas de expressão entre o século XV e o século XXI, assim como se modificam as características e os interesses em questão. Os Dogon têm sido desde o início do século XX, mas principalmente a partir da década de 30, alvo de um enorme interesse por parte da sociedade francesa.

Nesse contexto o Instituto de Etnologia da Universidade de Paris e o Museu Nacional de História Natural organizaram com objetivos etnográficos e lingüísticos a Missão Dakar-Djibouti que foi coordenada por Marcel Griaule e realizada entre 1931 e 1933. Seu objetivo era coletar objetos para as coleções etnográficas (instrumentos, cerâmica, armas, roupas, material de transporte, peças religiosas, estéticas, instrumentos musicais, etc.), além de obter informações lingüísticas, botânicas, imagens (fotográficas e cinematográficas) e etnográficas (Griaule, 1930, p.7-8), George Henri Rivière promoveu posteriormente uma mostra no Museu do Homem de parte dos objetos coletados (cerca de 3.500 peças, 200 registros sonoros, 300 manuscritos e 3 mil fotografias). Segundo Anne Doquet, a antropologia africanista francesa nasceu, não apenas do imperialismo, mas também do museu: os laços com a administração colonial e o projeto de renovação do Museu do Trocadero - que justificou, entre outras, a Missão Dakar-Djibouti - criaram as condições para a institucionalização da disciplina na França na década de 30. No início do século XX, os artistas descobrem a “arte negra”¹¹: Maillol, Vlaminck, Matisse e Picasso, entre outros, fascinados pela audácia das formas e pelo anti-realismo que eles mesmos buscam. «*L’anthropologie passionnée qu’a suscitée le peuple Dogon et le caractère spéculatif de certains de ses écrits ont été discutés par différents chercheurs*» (A antropologia apaixonada que chamou a atenção dos Dogon e do aspecto especulativo de alguns escritos foram discutidos por diferentes pesquisadores) (Doquet, *on-line*).

As representações sobre os Dogon na WEB repetem e revitalizam em grande medida os valores, conteúdos e estereótipos das formas de produção do exótico: as missões científicas coloniais, as coletas de objetos, o surgimento da noção de arte africana com a criação de museus etnológicos e o crescimento do interesse pelas viagens. Nos dias atuais, parece-nos que o turismo, a revitalização dos museus e o comércio (arte, artesanato, música e livros) são as principais fontes que alimentam de maneira forte e explícita a presença e a continuidade da imagem da cultura Dogon e

¹⁰ Nome que na língua fulfulde significa pagão e que era usado pelos fula (peul) para designar a população que vivia sobre o planalto e nas escarpas da falésia.

¹¹ A noção de arte sem adjetivação não tem sido utilizada para designar produções de sociedades não-ocidentais. Ídolo, fetiche e, posteriormente arte primitiva, arte tribal, arte decorativa e arte primeira são designações que desvelam formas de interesses e visão de quem os propõe.

da região Dogon como sinônimo de lugar misterioso, quintessência da conservação de valores e práticas tradicionais. Uma espécie de reservatório e fonte de autenticidade, de aventuras e de experiências a ser (re)descoberto por cada pessoa.

Na cibercultura o nome Dogon é evocado, também, em páginas sobre astrologia e práticas divinatórias e oraculares. Lê-se, por exemplo, no site <http://secretebase.free.fr/civilisations/autrespeuples/Dogons/Dogons.htm>: “*Le peuple Dogon affirme descendre des habitants d'une planète orbitant autour de Sirius*“. São os efeitos da apropriação e de interpretações da discussão sobre os trabalhos de Marcel Griaule e de Germaine Dieterlen. Esta temática na *web* constitui um campo que envolve a publicação eletrônica tanto de textos de cientistas e intelectuais como de esotéricos e místicos, viajantes, missionários, membros de entidades filantrópicas, além de instituições diversas. Lê-se no <http://astrosurf.com/anthropos/fondements/index.htm>:

“Au cours du XXe siècle principalement, plusieurs ethnologues commencèrent à manifester un intérêt accru à l'égard des savoirs astraux, l'astrologie et l'astronomie se confondant habituellement en des pratiques astromanciennes. Pour ne citer que ceux-là, Claude Lévi-Strauss creusa la question du «sexe des étoiles» et de l'insertion structurelle des astres dans le mythe (Lévi-Strauss, 1967); Marcel Griaule et Germaine Dieterlen analysèrent certains rituels Dogons liés à l'étoile Sirius (Griaule et al., 1950) ; Viviana Pâques souligna la place qu'occupent les corps célestes dans les mythes du Nord-Ouest africain (Pâques, 1969) ; Anthony Aveni travailla, entre autres, sur les savoirs astrographiques incas et mayas (Aveni, 1980,1982 et 1992) ; Steve McCluskey mit en lumière les conceptions populaires et chrétiennes de l'astronomie au Moyen-Âge européen, en plus de mener des recherches sur l'astronomie hopi (McCluskey, 1982 et 1990). “

O recurso aos trabalhos de Griaule e Dieterlen permanece frequente na produção de outros campos que o antropológico. Caso do site da *Revue de l'histoire des religions*, um artigo intitulado *Hermopolis, Memphis, Latopolis et les Dogon* em que o autor Jacques N. Lambert (on-line) exalta o saber Dogon:

“Ce que l'on peut savoir des théologies d'Hermopolis et de Memphis dans l'Egypte ancienne se trouve assez largement recoupé et éclairé par la connaissance que nous avons, grâce aux travaux de Marcel Griaule et de Germaine Dieterlen, de la gnose du petit peuple Dogon. Thot-Hermès-Mercure est, avec le dieu Ptah, au centre de ce comparatisme, qui ouvre également des horizons sur la déesse Neith.”

Os intelectuais estão presentes na *WEB* de forma institucional, como membros de academias e entidades que publicam seus *sites* e, igualmente, por iniciativas próprias e independentes. Eles são entrevistados em programas televisivos e em documentários, alguns destes podem ser acessados e assistidos na rede (<http://www.emagister.com/>) como “Le Dama d’Ambra” (1974) ou “Germaine Dieterlen: la soeur des masques” (2002).

Uma parte da produção de antropólogos está disponível em quantidade e variedade expressivas por meio de publicação de artigos, resenhas e *sites* de congressos e simpósios. Revistas on-line ou com artigos disponibilizados como *L’Homme*, *Clio en Afrique*, *Cahiers d'études africaines*, *Ethnologies comparées*. Nota-se, neste contexto de publicações, os esforços dos

antropólogos em debater o que podemos chamar de perspectiva mistificante da cultura Dogon. Eles procuram oferecer resultados de trabalhos científicos e uma crítica sobre a produção acerca dos Dogon - voltada tanto para pares como para um público amplo de leitores-navegadores. Nesse sentido são diversas publicações disponíveis na rede de autores como Jacky Bouju, Gaetano Ciarcia, Anne Doquet. Em um número de *Ethnologies comparées* encontram-se artigos que enfatizam a crítica à produção gerada por parte da produção antropológica – a de matriz griauliana.

“Depuis plusieurs décennies, le mythe anthropologique Dogon se fissure et une réflexion épistémologique visant à déconstruire les recherches menées dans la région s’est imposée. Néanmoins, l’image «grand public» de cette société ne semble pas affectée du même discrédit. Dans la presse, écrite comme audiovisuelle, les Dogon jouissent toujours de leur notoriété en tant que société traditionnelle, immuable et harmonieuse. Relevant à l’évidence de l’utopie, ces qualités construites dans l’imaginaire folklorique semblent fonder une sorte de spécificité ethnique et culturelle. Ces représentations perdurent dans la littérature vulgarisatrice, qui au fil du temps reproduit le même discours enchanteur. Alors la question se pose de leur maintien in situ, les visiteurs se pressant en pays Dogon pour y recueillir les derniers vestiges d’une Afrique authentique menacée de disparition.” (DOQUET Anne, on line)

O antropólogo Jacky Bouju (on line) defende uma antropologia recíproca em que as categorias científicas, as análises do pesquisador e os discursos locais participam de uma tradução cultural, mas não se confundem. Ele é enfático em texto também disponível na rede:

“la fiction culturelle Dogon, telle qu’inventée par l’Ecole Griaule, a connu un succès mondial. Pour beaucoup, et plus particulièrement pour les historiens de l’Art (21) qui n’ont jamais mis les pieds en Afrique, les Dogon ont dès lors représenté la quintessence de “ la tradition ” Ouest Africaine qui s’est trouvée mieux protégée là qu’en d’autres lieux grâce à l’abri naturel que constituait la falaise de Bandiagara. Ce faisant Marcel Griaule et Germaine Dieterlen ont constitué “les Dogon” en archétype d’une culture traditionnelle Ouest Africaine bonne à penser pour la culture européenne”.

Jean-Loup Amselle (on line) em *L’anthropologie au deuxième degré* participou dessa controvérsia em artigo publicado por Cahiers d’études africaines. Tratava-se de um debate com Walter E.A. van Beek e Jan Jansen.

“...n’oublions pas que les travaux de l’école de M. Griaule sont actuellement réappropriés par des artistes maliens comme Ismaïl Diabaté ou Abdoulaye Konaté, qui utilisent notamment les travaux de G. Dieterlen et Y. Cissé, sur les signes du komo, pour les propres productions picturales.

Masques Dogons, Le renard pâle, Dieu d’eau ou l’Essai sur la religion bambara font donc désormais partie intégrante des cultures Dogon, bambara et malinké et, de façon plus large, du patrimoine culturel malien. Ce sont des monuments de ces cultures au même titre que la case sacrée de Kangaba (kamabolon) ou les masques kanaga, et vouloir les dissocier de ces mêmes cultures serait aussi artificiel que de dissocier les paganismes Dogon ou bambara de l’islam.

(...) Quoi qu’en pensent les ethnologues post-griauliens, la production de M. Griaule et de ses disciples appartient pleinement au patrimoine culturel des sociétés maliennes, c’est-à-dire à l’aspect figé de ces mêmes sociétés, et c’est aux seuls membres de ces sociétés de décider de l’utilisation de ce patrimoine».

Mas a WEB abre também espaço para que outras formas de interação tenham lugar e percorram os mesmos campos virtuais com mensagens de múltiplas direções. Cabe agora verificar os impactos mútuos, as sínteses que se estão produzindo na dinâmica das identidades narrativas na rede. As construções de páginas e ambientes na rede são orquestrações de trocas polifônicas entrelaçadas a situações carregadas politicamente. As subjetividades produzidas nessas trocas desiguais sociais fazem parte de um campo de construções de verdades, de consideráveis ficções e de fricções de interesses.

Sabemos que a organização dos povos originários na América do Norte tem produzido importante material no sentido de definir suas posições sobre a história, a política e a cultura de suas sociedades, constituindo-se como protagonistas de diversos debates sobre seus direitos e, ainda, sobre as relações com instituições e governos. Para a UNESCO é preciso reconhecer a importância dos saberes locais, gerados em dinâmicas internas, preocupar-se com a exploração abusiva desses saberes e ao mesmo tempo permitir a expressão de sua identidade cultural e o acesso à cidadania plena nos Estados nacionais dos quais fazem parte. O que ocorre, então, nos casos Wayana e Dogon? Percebe-se uma frágil presença ou apropriação das tecnologias de comunicação nas vilas Dogon da República do Mali e uma conseqüente escassa auto-representação no diálogo com as alteridades tanto nacionais quanto internacionais. A situação Wayana é ligeiramente diferente, pois o acesso a telefones e computadores tem permitido às comunidades consumirem de modo muito veloz tais meios de comunicação. Mas será que eles se encontram numa situação tão diferente dos Dogon? Será que ambos estão compreendendo a sua participação nesse novo território de identidades (re)criadas, o ciberespaço?

Existem fricções e reações que estão surgindo ou que podem surgir com o acesso à rede de pessoas, grupos e entidades de regiões descentradas da produção tecnológica. Mesmo muito insipientes e restritas, vimos surgir nos últimos anos um crescimento de páginas de ONGs locais como Ginna Dogon <http://ginnadogon.africa-web.org>, algumas realizadas por parceiros estrangeiros (<http://anitie.mali.free.fr/>) e de páginas pessoais notadamente no campo do turismo e da arte. Os impactos da globalização vão desenhando mudanças tanto de mentalidades, do imaginário como de práticas sociais, de suas formas expressão e de se dar a ver enquanto expressão de si para outro. Em nossos dias, parece que diferentes sujeitos, notadamente aqueles que vivem nas fronteiras culturais, sonham com um desenvolvimento que permita sua circulação. Muitos sonham com a participação nesse mercado de trocas simbólicas e econômicas que transpõem fronteiras. Mas, as oportunidades de circulação continuam profundamente desiguais.

O turismo, a cooperação internacional e as atividades de pesquisa de diferentes campos produzem encontros entre pessoas e através delas, trocas de experiências e interpenetração de desejos e modos de vida. Tais encontros geram impactos que podem ser percebidos na rede, sobretudo em páginas pessoais de guias de turismo (agentes de tais relações interculturais e intersubjetivas) e pelas páginas de projetos de ação de ONGs. São testemunhas desse movimento: no primeiro caso, Aly Napo (<http://aly.napo.free.fr>), Aly Guindo (<http://ardo.timbagga.com.ml/alyguindo/galerie.asp>), Benjamin Guindo (<http://guide.dogon.free.fr/>) e, no segundo, a ONG Villages-Dogons (www.villages-Dogons.org).

No caso Wayana, o turismo ecológico começou a ser debatido de forma mais coletiva entre os mais jovens por ocasião do projeto de criação de um parque nacional, idealizado na conferência internacional do Rio, em 1992, a ECO 92. A sua formulação tem gerado um significativo debate na *WEB*, em particular entre as entidades ecologistas¹². Não existe uma posição uníssona dos Wayana quanto a sua criação, mesmo porque as informações sobre a sua estrutura, quais os problemas e as dificuldades para a sua implantação, chegam de forma muito desigual nas aldeias. O parque envolve questões muito delicadas da política econômica regional e da Guiana como um todo, já que abrange uma boa área de exploração de garimpo, cujos donos, ao verem seu território de exploração reduzir, se colocam frontalmente contrários; os que são favoráveis ao desenvolvimento sustentável temem a criação de um parque natural que deixe de lado as populações que dele fazem parte; os Wayana, e demais populações vizinhas, temem a redução de suas áreas de caça e pesca, caso não sejam suficientemente consultados durante todo o processo. O projeto tramita na assembléia francesa há anos. Alguns Wayana vislumbram a possibilidade de trabalhar como guias ecológicos. Lembram que por muitas décadas tem sido realizado na região um turismo explicitamente predador sem a participação deles. Outros são contrários, pois receiam o aumento do *voyerismo* que há muito tempo recai sobre seu modo de viver. Ainda que desde 1970 um terço da Guiana seja classificada como “*zone interdite*”, turistas (amigos e parentes de funcionários e conhecidos e amigos dos índios) continuam passando suas férias nas aldeias. Por outro lado já existem publicações, artigos e relatórios disponíveis na *WEB* cobrindo, de forma cada vez mais ampla, aspectos do meio ambiente e dos povos que nele habitam¹³. Mas a distância que há entre quem consome e discute tais documentos e quem debate e decide os problemas de ordem política e prática é ainda imensa, tornando moroso o processo de ajuste dos conflitos entre as partes.

Se a antropologia reformulou suas bases epistemológicas para não apenas falar do Outro, mas também, falar com o Outro (BOUJU, *on line*), a democratização do acesso à informação e à tecnologia deverá permitir cada vez mais aos Dogon e aos Wayana, individualmente e coletivamente, falar de si, dos outros e com os outros. As alteridades absolutas em relações de poder extremamente verticalizadas, do europeu que coleta informações e objetos e para se tornar o único sujeito da interpretação, tornam-se cada vez mais complexas. As dinâmicas dessas interações constituem novos campos de observação e reflexão sobre a produção do saber. Assim, o que se produziu sobre tais povos e o que é atualmente produzido por estrangeiros interage com suas práticas, dinâmicas de poder e história. É preciso não apenas refletir sobre os sujeitos da produção, mas igualmente sobre estes sujeitos na história de sua cultura e sociedade, dos interesses econômicos e simbólicos.

¹² http://www.indesens.org/article.php?id_article=50.

¹³ <http://www.ulb.ac.be/soco/apft/GEO/cara1.htm>

A produção da rede assemelha-se a um jogo de espelhos paralelos - expressão das necessidades e interesses de quem a realiza. Em sua absoluta maioria, as páginas são realizadas por europeus para dialogar com pares, interlocutores ou consumidores de mesma origem. Nesse sentido a *web* não é polifônica, sua multiplicidade e extensão são expressões da multiplicidade de interesses que estas sociedades continuam a despertar. Ela evidencia, assim, a complexidade da negociação cultural em curso que integra a história contemporânea e da modernidade Dogon e Wayana e também dos desafios dos intelectuais e dos membros dessas sociedades. Esforços contra o exotismo/exotização - que são interpretados, algumas vezes, como formas de eurocentrismo - constituem um campo de reflexão epistemológica importante e uma iniciativa política imprescindível. Entretanto, nenhuma construção não dialogada será capaz de escapar a esta nova forma de construção de alteridade radical, pois retira dessas sociedades e de seus sujeitos a qualidade de produtores de interpretação de si e nega sua capacidade de realizar escolhas históricas de construção de identidades no diálogo político e cultural.

À guisa de conclusão

As páginas da WEB, sejam sobre os Dogon sejam sobre os Wayana, revelam, por um lado, as necessidades e interesses de quem as realiza e, por outro, evidenciam relações de poder em grande assimetria que, contudo, apresentam sinais de pequenas e fugazes mudanças. Na maioria dos casos, observamos que as páginas são realizadas por europeus dialogando com seus interlocutores, aliás seus pares (acadêmicos, artistas, intelectuais, estudantes, professores, profissionais) ou consumidores de mesma origem. Não se pode dizer em nossos dias que a *WEB* realize a utopia da democratização das relações (ela não é polifônica), ainda que seja composta de uma grande multiplicidade. Ela continua expressando relações verticalizadas e o interesse (cultural, econômico e existencial) que estas sociedades continuam a despertar – espelhadas em muitas páginas dogon.

Vale apontar que há uma grande complexidade de formas de negociação cultural, em curso, integrando a história contemporânea Dogon e Wayana e de um enorme desafio por parte dos intelectuais e dos membros dessas sociedades para se expressarem. Contrário à produção e ao consumo do exotismo como forma paradigmática de relações, vemos emergir todo um campo de reflexão epistemológica importante e uma iniciativa política imprescindível. Entendemos que nenhuma construção não dialogada será capaz de escapar a esta nova forma de construção de alteridade radical, pois retira dessas sociedades e de seus sujeitos a qualidade de produtores de interpretação de si e nega sua capacidade de realizar escolhas históricas de construção de identidades no diálogo político e cultural. Nesse sentido, o que se esboça no caso Dogon (resumido no link do CD-ROM “Os Dogon pelos Dogon”) anuncia uma mudança já amplamente compartilhada por

outros grupos, cada qual explorando um aspecto cultural de seu grupo na busca pela afirmação identitária.

Finalmente, vale uma explicação de porque optamos pela produção de um CD-ROM para traduzir os resultados da presente pesquisa. Primeiramente, o seu formato, na forma de hipermídia, permite várias portas de entrada que se cruzam ou se complementam. A arquitetura escolhida permite se ler as páginas da internet de ambos os grupos de forma “verticalizada”, isto é, dentro de cada universo cultural ou, se quisermos, de forma “horizontal”, conhecendo as páginas encontradas tanto para os Dogon quanto para os Wayana permitindo uma assimetria ou simetria entre os conteúdos das páginas, por meio do seu agrupamento em categorias previamente criadas, em função do que encontramos na WEB. Em segundo lugar, é possível conhecer como tais páginas foram trabalhadas e analisadas (a metodologia empregada e os conteúdos analisados) e por fim, os textos correlatos produzidos por nós, ao longo de todo o processo da pesquisa - apresentados em seminários, congressos e alguns transformados em artigos¹⁴. Em suma, através de um diálogo entre antropologia e multimídia, torna-se possível traduzir de modo mais fiel o processo e os resultados da presente pesquisa. Esta nos aponta é que as alteridades absolutas no interior de relações de poder extremamente verticalizadas, do europeu que coleta informações e objetos para se tornar o único sujeito da interpretação, tornam-se cada vez mais complexas. Aquilo que se produziu e se produz sobre sociedades tomadas como alteridades interage com suas práticas e dinâmicas de poder. Nesse sentido começam a existir esforços por parte dessas mesmas sociedades em participar - como sujeitos de produção - das trocas que estão sendo geradas na rede mundial de computadores produzindo uma cibercultura que cada vez mais merece a nossa atenção.

Referências

- AMSELLE, Jean-Loup *L'anthropologie au deuxième degré*
<http://etudesafricaines.revues.org/document48.html?format=print>. Consulte le 14/01/2006.
- BARROS, Denise Dias. “Dogon, uma sociedade entre etnografia e cinema” In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 15, 2002: 67-89.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacres et simulation*. Paris, Galilée, 1981.
- BAUDRILLARD, Jean. *El Otro por Si Mismo*. Barcelona, Anagrama, 1988.
- BAUDRILLARD, Jean. *Mito-ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre, Sulina, 1997.
- BOUJU, Jacky. *La culture Dogon : de l'ethnologie coloniale à l'anthropologie réciproque contemporaine*. http://www.up.univ-mrs.fr/wclio-af/d_fichiers10/cultureDogon.html Consulté le 14/01/2006.)
- CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet. Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003.

¹⁴ Barros, Denise Dias & Morgado, Paula. “Os Dogon e os Wayana na WEB: territórios virtuais e formas de apropriação do outro”; Barros, Denise Dias, “Sociedade Dogon: documentários transmitidos pela TV na França” e “Dogon: uma sociedade entre etnografia e cinema”; Morgado, Paula. “Os Wayana na televisão francesa: entre a natureza e a aventura”.

- DOQUET Anne Se montrer Dogon. Les mises en scène de l'identité ethnique, *Ethnologies comparées* n.5, 2002 [<http://alor.univ-montp3.fr/cerce/revue.htm>], disponível em 14/01/2006.
- DOWNING, John D. H. *Mídia Radical. Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. Editora SENAC, São Paulo, 2002.
- FORD, T & GIL, Genève. "Internet radical" In DOWNING, John D. H (Org). *Mídia Radical. Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. Editora SENAC, São Paulo, 2002:269-307.
- GARCIA DOS SANTOS, Laymert. *Politizar novas tecnologias. O impacto sócio-técnico da informação digital e genética*. Editora 34, São Paulo, 2003.
- GRIAULE, Marcel *Mission ethnographique et linguistique Dakar-Djibouti*. Paris, Institut d'Ethnographie de l'Université de Paris et Museum National d'Histoire Naturel, 1930.
- HEALY, Jéssica & De LARGY. "Do trabalho de campo ao arquivo digital: performance, interação e terra de Arnhem, Austrália" In: *Horizontes Antropológicos*, 10 (21), jan/jun, 2004:67-95.
- LAMBERT, Jacques N., «Hermopolis, Memphis, Latopolis et les Dogon», *Revue de l'histoire des religions*, RHR 2/1988, [En ligne], mis en ligne le 15 octobre 2004. URL : <http://rhr.revues.org/document1914.html>. Consulté le 14 janvier 2006.
- LEMOS, Andre. *Cibercultura.Tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Editora Sulina, Porto Alegre, 2002.
- LIMA, Marcelo Oliveira Coutinho. *A sociedade da informação e a world wide web: uma análise comparativa de nove países*. Tese de doutorado. Departamento de Sociologia. FFLCH-SUP. 2002.
- MCLUHAN, Marshall. *McLuhan por McLuhan. Conferências e entrevistas*. Org por Stephanie McLuhan e David Staines. Rio de Janeiro, Ediouro, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Ed. Forense Universitária, 1998.
- _____. *O Eterno Instante. O Retorno do Trágico nas Sociedades Pós-Modernas*. Lisboa, Instituto Piaget, 2001.
- MORGADO, Paula. *Os Wayana e os Viajantes: construindo imagens em mão dupla*. (Tese de doutorado). Departamento de antropologia, FFLCH, Universidade de São Paulo, 2003.
- RHEINGOLD, Howard. *Realidad Virtual*, Barcelona, Gedisa, 1993
- RHEINGOLD, Howard. *Comunidades Virtuais*. Lisboa, Gardiva, 1996.
- SFEZ, Lucian. *Critique de la communication*. Paris, Seuil, 1992.

Bibliografia complementar

- APGAUA, Renata. "O Linux e a perspectiva da dádiva" *Horizontes Antropológicos*, 10 (21), jan/jun, 2004:221-240.
- BRETON, P. & PROULX, Serge. *A explosão da Comunicação*, Lisboa: Editorial Bizâncio, 2000 (Sociologia da Comunicação, Editora Loyola, 2002).
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo, Paz e Terra, 2001.
- COUCHOT, Edmond. "Da representação à simulação: evolução das técnicas e das artes de figuração". In Parente, André (Org.). *Imagem máquina*. São Paulo: Editora 34, 1993:37-47.
- ESCOBAR, Arturo. "Welcome to cyberia. Notes on the anthropology of cyberculture" UInU BELL, David; KENNEDY, Barbara M. (Orgs.), *The cybercultures readers*. Routledge, NY, 2000.
- GARCIA DOS SANTOS & KEHL, Maria Rita & KUCINSKI, Bernardo & Pinheiro, Walter. *Revolução tecnológica, internet e socialismo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. *TDe los medios a las mediacionesT: comunicación, cultura y hegemonia*. Mexico. Gustavo Gili, 1987.

Lista de sites referidos

Dogon

www.gnu.org/home.pt
http://en.wikipedia.org/wiki/Richard_Stallman
<http://www.galiwinku.nt.gov.au/home/home>
http://www.socioambiental.org/pib/portugues/fontes/outros_sites.shtm
www.infomine.ucr.edu
<http://www.emagister.com/>
<http://astrosurf.com/anthropos/fondements/index.htm>
<http://alor.univ-montp3.fr/cerce/revue.htm>
<http://rhr.revues.org/document1914.html>
http://www.up.univ-mrs.fr/wclio-af/d_fichiers10/cultureDogon.html
<http://etudesafricaines.revues.org/document48.html?format=print>
<http://astrosurf.com/anthropos/fondements/index.htm>
<http://aly.napo.free.fr>
<http://ardo.timbagga.com.ml/alyguindo/galerie.asp>
<http://guide.dogon.free.fr/>
www.villages-Dogons.org
<http://ginnadogon.africa-web.org>
<http://anitie.mali.free.fr/>

Wayana

<http://www.espaces-latinos.org/historico/186/thema.htm>
<http://endehors.org/news/2064.shtml>
http://www.coica.org/fr/aia_livre/II_2_3_3_pays.html
<http://tierra.incognita.free.fr/souvenirs.html>; http://www.prison.eu.org/article.php3?id_article=297
<http://ase.ouvaton.org/expomercuwayanas.htm>
http://www.csia-nitassinan.org/lettre22_guyane.htm
<http://perso.wanadoo.fr/solidariteguyane/index.htm>
http://www.monde-solidaire.org/spip/article.php3?id_article=862
http://www.indesens.org/article.php?id_article=50
<http://www.jungleexplorer.net/peuples.htm>; <http://perso.wanadoo.fr/marcel.fray>
<http://www.equipyrene.com/dun/liens03.htm>
<http://monsite.wanadoo.fr/nouveauxdelits/page2.html>
http://www.budamusique.com/product_info.php?manufacturers_id=257&products_id=258; <http://lemotalire.free.fr/livres/seuljungle.html>
http://www.quaibrantly.fr/article.php3?id_article=3321&R=2
http://www.afwpg.ca/fr/culture/fr_conf%20chodkiewicz.htm
http://www.fremeaux.com/pages/catalogue/fiches/pg_Sons-de-la-Nature-256.htm
<http://jal-voyages.com/manuel/fr/doc11.doc>
<http://www.guyane-guide.com/pages/amerindiens.htm>
<http://photos.guyaneguide.com/photos.php?idalbum=32&NItem=20&TItem=Amérindiens,%20photos%20anciennes> (não disponível)
<http://terresacree.org/forevieg.htm>
<http://www.solidarite-guyane.org/Assos.htm>; http://www.grainvert.com/article.php3?id_article=316
<http://www.ulb.ac.be/soco/apft/GEO/cara1.htm>